

Diva Guimarães: a filosofia de vida que faz a carreira

RESUMO

Neste artigo se pretende o registro histórico da trajetória de uma mulher negra professora aposentada de educação física, e que se tornou um ícone na luta contra o racismo no Brasil. Se descreve a sua trajetória de lutas em diferentes lugares sociais onde o gênero e a questão racial deixaram marcas em sua subjetividade. A partir do referencial da psicologia sócio histórica e dos estudos do gênero, faz-se o registro de sua trajetória. História que possibilita compreender o enfrentamento ao qual a mulher negra é submetida para ocupar espaços diferenciados, desde a escola até o mercado de trabalho, configurando uma filosofia de vida. A abordagem metodológica foi a realização de uma entrevista gravada, transcrita e depois analisada em trechos de sua narrativa. Na trama discursiva da análise observa-se a contribuição de sua história que perpassa a luta cotidiana de tantas outras mulheres negras, de tantas outras Divas, que silenciadas pela opressão não tiveram suas vozes ouvidas. As conquistas históricas das mulheres se dão, muitas vezes, em singulares lutas de sobrevivência e nem sempre estão amplamente defendidas em movimentos sociais. Para que suas vidas não caiam no esquecimento e na invisibilidade se torna imprescindível contá-las.

PALAVRAS-CHAVE: Diva Guimarães. Feminismo. Subjetividade. Gênero. Trajetória de vida. Mulher negra. Brasileira.

Maria Sara de Lima Dias

E-mail: mariadias@utfpr.edu.br

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Pedro Moreira NT

E-mail: casasdopedro@gmail.com

Fundação Cultural da Cidade de Curitiba, Curitiba, Paraná, Brasil

Paula Caldas Brognoli

E-mail: paulacbrognoli@hotmail.com

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

INTRODUÇÃO

Uma diva, mas qual o significado de diva? O que pode haver de sentido nesse adjetivo, diva? No sentido figurado e popularizado, Diva, se refere a uma mulher brilhante, diferente, incomum, inteligente e bonita... entre outras coisas. Mas aqui vamos abordar a história de uma diva que é musa inspiradora de outras. O que diz esta Diva sobre si mesma? - *“Sou uma sobrevivente”*. Muitas pessoas conhecem Diva Guimarães e tem por ela admiração por se apresentar entre tantos descaminhos da sociedade contemporânea, com imbatível força natural. Entendemos que se trata de uma personalidade que se antepõe ao bom comportamento de etiquetas, de marcas, de falas, de toda a presença do gesto humano. Ela se manifesta e exprime o peso narrativo da individualidade subsumida da cultura das diferenças, as que são atuantes nos rituais sociais. A entrevista realizada trouxe a sua voz, e sua vibrante posição com o seu natural discernimento sem impregnações além de sua condição humana de mulher, de negra e de professora. Aqui reportamos esse acontecimento e realizamos as relações entre trajetória e projeto de vida, com o que mais se apresenta de sua subjetividade.

No Brasil se concentram fortes lutas das mulheres negras, exemplificadas pelo poder feminista que ainda se encontra preservado na tradição do candomblé, nos grupos de mulheres que lutam contra o aumento do encarceramento da população negra e nos movimentos de empregadas domésticas negras. Movimentos estes que envolvem desde o nome de Marinalva Barbosa, da escritora internacionalmente reconhecida Carolina Maria de Jesus, da antropóloga baiana Lélia Gonzalez, co-fundadora do Movimento Negro Unificado (MNU), do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), do Coletivo de Mulheres Negras N’Zinga e do Olodum, dentre outros.

A história do feminismo no Brasil tem um começo de grandes lutas, sendo que o feminismo começou a dar seus primeiros passos em meados do século XIX, momento histórico no qual as mulheres eram proibidas de participar da vida pública e não tinham sequer o direito ao voto. Nísia Floresta e Bertha Lutz, são consideradas como pioneiras do feminismo no país. Bertha Lutz foi fundadora da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, cujo objetivo era lutar pelo voto, pela escolha de domicílio e de trabalho sem a autorização do marido, construiu um movimento que finalmente em 1934, permitiu, através do código eleitoral, o direito ao voto e a representação política das mulheres.

Uma outra representante do feminismo, Carlota Pereira Queirós, foi a primeira deputada do Brasil, no entanto é somente na década de 1960, marcada por pensamentos libertários que as possibilidades para as mulheres foram maiores com o advento dos anticoncepcionais e que puderam regular o tempo de trabalho e de estudo favorecendo o acesso à universidade. Enquanto mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e ao estudo, as mulheres negras lutavam por reconhecimento de sua humanidade e direito a uma vida digna.

Na década de 1980 o feminismo negro começa a ganhar força no Brasil, com a realização do II Encontro Feminista Latino-americano, que aconteceu em Bertioga, no litoral paulista. Neste encontro a organização das mulheres negras em busca de maior visibilidade no conjunto do movimento feminista começa a ganhar força. Surgem, desse modo, lideranças e ativistas representadas pelos primeiros Coletivos de Mulheres Negras assim como vários Encontros Estaduais e Nacionais

de Mulheres Negras. Nesse período histórico participa ativamente Aparecida Sueli Carneiro Jacoel, uma importante filósofa, escritora e ativista antirracismo no Brasil. Foi a fundadora e atual diretora do Geledés — Instituto da Mulher Negra e é considerada uma das principais autoras do feminismo negro no Brasil.

Lélia Gonzales, foi outra ativista e intelectual que denunciou o racismo e o sexismo como formas de violência que subalternizam as mulheres negras, e é uma das precursoras do Movimento Negro Unificado contra Discriminação e o Racismo (MNUCDR). Atualmente o Movimento Negro Unificado (MNU) é o mediador na luta do povo negro no Brasil e, integrou a Assessoria Política do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras. Outra feminista negra relevante é Djamila Ribeiro que é mestra em Filosofia Política na UNIFESP e dona de uma vasta biografia em prol da afirmação da mulher negra como figura essencial na construção intelectual e social do Brasil. Articulam-se numerosas e diversas correntes feministas que em comum buscavam espaços de falas, para romper a hegemonia de valores que conformavam os movimentos feministas de então, começam a surgir novas referências políticas para as mulheres negras que a partir deste momento, se reconhecem nos movimentos como representadas, Lídia Cirillo (2001).

A externalidade dos movimentos feministas viveu diferentes períodos políticos no Brasil. Em resposta do enfrentamento da marginalidade sofrida pelas mulheres negras surgem novos movimentos em busca de políticas inclusivas. Uma vez que de vários modos, as políticas públicas de trabalho e renda se mostravam excludentes da voz da mulher. De modo que se constituiu na década de 70 o que se pode chamar de “Feminismo da igualdade” – acesso idêntico, em condições idênticas a todas as formas de exercício da vida humana, e “Feminismo da diferença” – combate à desigualdade no reconhecimento da diferença, conforme Helena Hirata (2009). A prática produz diferença, uma diferença que as mulheres podem introduzir no campo político, não porque elas são mulheres, mas porque elas existem como mulheres. Deste modo devemos falar em feminismos.

O Movimento Feminista historicamente tinha sua face racista, preterindo as discussões de recorte racial e privilegiando as pautas que contemplavam somente as mulheres brancas. Contrárias a essa posição, o pensamento feminista negro consistiu em ideias produzidas para elucidar a perspectiva das mulheres negras. Segundo Cristiano Rodrigues (2018), o feminismo negro brasileiro, enquanto campo discursivo de ação, é bastante heterogêneo, se organizando a partir de redes que articulam pessoas, práticas, ideias e discursos, além de ser essencialmente diaspórico. Para Larissa Braga (2018) as mulheres negras e demais grupos considerados minoritários foram negligenciados por muito tempo nas produções historiográficas.

O movimento de mulheres negras passou, ao longo dos anos 1990, por um processo de diversificação interna, com a crescente profissionalização de algumas de suas organizações e o surgimento de outras. Influenciadas por sua participação em coletivos feministas e adotaram a estratégia de incidir politicamente em diferentes esferas estatais e não-estatais. Para Maria Santos Damasco, Marcos Chor e Simone Monteiro (2012) o movimento negro em especial o contemporâneo inaugurado em meados da década de 1970 – também contribuiu para o surgimento do feminismo negro, identificado como um espaço privilegiado de discussão e reivindicação sobre medidas eficazes contra a discriminação racial praticada no país. Com a chegada do século XXI, o aumento das redes sociais e o

acesso de mais negras às universidades, o feminismo negro ganhou outros contornos e atualmente luta por um protagonismo ainda maior.

A exclusão é uma categoria polissêmica, no movimento de libertação da mulher adquire o sentido de revelação de uma humanidade posta ao lado da história. Considera-se, portanto, que os movimentos vieram elucidar, esclarecer, revelar a presença da mulher no processo de desenvolvimento social, da tecnologia na educação. Essa percepção tem como fundo os movimentos coligados internacionais que no Brasil ganharam força e de forma própria para o empoderamento da mulher registrado em muitas e diferentes biografias.

Partindo dessas biografias, em primeiro lugar, ao falar de uma mulher negra e professora como Diva Guimarães, é preciso considerar o difícil acesso das mulheres às universidades brasileiras, que é ainda pior para as pessoas negras. Ao se referir ao acesso, ainda que atualmente as mulheres são maioria nos cursos de graduação, persistem segregações por áreas, hierarquias que as desfavorecem e que representam uma maior dificuldade em prosseguir na carreira. Mas o número de mulheres nas graduações hoje em dia supera o de homens. Esse dado aparece no último censo do INEP (2018) que aponta que as mulheres representam 57,2% dos estudantes matriculados em cursos de graduação. No Censo da Educação Superior de 2006, as mulheres representavam 56,4% das matrículas em cursos de graduação. Já na docência, os homens são maioria. Dos 384.094 docentes da Educação Superior em exercício, 45,5% são mulheres.

Alguns estudos problematizam essa questão, mostrando que mesmo com maior ingresso da mulher a situação se inverte no decorrer das carreiras profissionais. Conforme estudo de Marília Moschkovich e Ana Maria Almeida (2015) que analisaram, a partir de um estudo focado na Universidade Estadual de Campinas, que em função do sexo, as chances de acesso ao nível mais alto da carreira e aos postos de gestão de docentes no Brasil. Estudos realizados no Brasil revelaram a existência de padrões de desigualdade em pelo menos dois sentidos. Em primeiro lugar, as docentes do sexo feminino se concentram em algumas áreas do conhecimento e como segundo indicador, elas estão em menor proporção nas posições mais altas das carreiras, isto é, naqueles cargos associados a melhores salários, maior prestígio, mais poder universitário.

Neste quadro por um lado há uma presença maior hoje das mulheres no ensino superior, mas ainda é extremamente desigual em termos de carreiras e salários. Ainda segundo Moschkovich e Almeida (2015) esse tipo de carreira é interessante por pelo menos duas razões. A primeira delas é organizacional: trata-se de uma carreira que garante estabilidade no emprego já na admissão, sem que os/as professores/as tenham que passar por longos períodos probatórios. Além disso, as decisões de promoção estão sob o controle dos/as próprios/as professores/as, num sistema de gestão colegiada. Por esses motivos, essa carreira pode, pelo menos hipoteticamente, oferecer condições mais favoráveis para superar a desvantagem feminina encontrada em outros contextos organizacionais.

A carreira da mulher negra no ensino superior representa somente 16% do total de pessoas na academia, conforme pesquisa realizada pelo jornal O Globo (2018) sobre educação e carreiras. Tendo em vista um conjunto amplo de discussões sobre os padrões sociais que promovem a exclusão e o ocultamento histórico da presença feminina em vários campos do saber, objetivou-se assim entrevistar Diva Guimarães, uma mulher, professora, e educadora negra da cidade de Curitiba que se destacou nacionalmente no campo da luta contra o racismo.

Consideramos que há um repertório muito amplo em sua biografia que relaciona a sua trajetória singular para além do gênero, e que se constata na forma como esta professora se apresenta aos demais. Neste sentido, se evidencia uma outra situação reificante a questão de ser negra e enfrentar para além da condição de ser mulher, e negra e mais ainda ser brasileira. A experiência vivida de ser negra, em um país que produziu a objetificação da pessoa negra por mais de 300 anos, marca a sua história pessoal.

Esta objetificação é um conceito a que Frantz Fanon (2008) se refere, ao descrever uma biografia vivida em uma objetividade esmagadora. Uma realidade de extrema opressão e com pouquíssimas oportunidades de existência autônoma, assim como a vida de Diva. Uma vida que em seus trôpegos caminhos a levaram a realizar mais que um projeto, uma filosofia de vida que fundamenta o seu sentido de liberdade. Assim, Diva como feministas negra hoje, sem dúvida, se encontra mais à vontade para falar, visto que pode reivindicar a paridade em nome dessa própria diferença, em nome de um “*nós as mulheres negras*”, que pode ser capaz de renovar a sua história de vida com uma aproximação da política.

METODOLOGIA

O método de pesquisa foi qualitativo, descritivo e interpretativo se utilizando de uma entrevista episódica gravada, transcrita e depois submetida à análise da narrativa. A entrevista teve a duração aproximada de trinta minutos e foi realizada no encerramento do II curso de formação política para mulheres na Universidade Federal do Paraná em 2018. Seguimos a buscar nesta entrevista o que a faz tão definida quanto mais se nos apresenta e chegamos a um caminho feito de muitas trilhas epistemológicas, escolhemos a direção da perspectiva histórico cultural para buscar compreender um pouco mais da sua história de vida no que ela nos apresenta. O seu nome será divulgado com sua autorização.

DESENVOLVIMENTO

Como resultado da discussão e análise de sua história emergiram sua trajetória profissional, bem como o seu projeto de vida. Sendo assim, o objeto deste artigo vem dessa situação vivida. Quando perguntada sobre quem ela é Diva afirma: - *Sou Diva Guimarães, 80 anos, professora da escola básica, formada em história e educação física, professora aposentada em Educação Física após 40 anos de trabalho*". Diva é neta de escrava com português, filha de uma lavadeira, que trabalhava em troca de material escolar para que a filha pudesse estudar.

Quanto questionada sobre o dia 13 de maio, responde:

“O que é que o 13 de maio trouxe de bom para os negros? Absolutamente nada, a diferença é que hoje você apanha com cacetes da política, e de balas de tiro”. “A minha avó ainda pegou a escravidão, então eu acredito que o trabalho, dos meus avós da minha mãe. Continuou assim, sendo escravo do mesmo jeito” “A minha mãe nasceu em 1907, e ela ia entregar leite na cidade, então na volta a Dona Iolanda uma professora que eu sei o nome até hoje, começou a alfabetizar a minha mãe. Lá pelas tantas ela disse para as irmãs eu sei ler e escrever, e meu avô escutou, e ele deu uma surra, tão grande. Porque era a visão deles, né que a mulher que sabia ler e escrever, então era uma mulher que não valia nada, uma vagabunda.”

Historicamente foi negado às mulheres negras a oportunidade de contar a sua história, de falar por si, mesmo os livros de história estudados nas escolas sempre trouxeram a perspectiva do branco colonizador, reflexo de uma educação calcada em uma sociedade machista e racista, que relegou aos negros e negras papéis subalternizados na sociedade.

A fala de Diva Guimarães retoma o que apresentamos anteriormente conotando o Feminismo Negro como um movimento social imprescindível no qual

ela se faz protagonista com sua narrativa pessoal. Para Carolina Ferreira Rocha (2018) os movimentos e lutas das mulheres negras estão tendo grandes efeitos em suas vidas, pois estão cada vez mais exigindo os seus direitos e assim abrindo portas para a liberdade e conquistas de seus espaços.

O projeto de vida se compõe em Diva Guimarães como uma luta que busca elucidar, uma subjetividade que envolve aspectos da identificação com a carreira e com o ofício de ser professora, no qual se pode perceber que Diva, de fato, desafiou em toda a sua vida, as normas da exclusão.

A narrativa biográfica de Diva Guimarães possibilita encontros com o início de sua carreira. A infância e seus primeiros passos na experiência da vida, mesmo vivida em uma realidade excludente, a fez ponderar as possibilidades de um vir a ser. A fala de Diva nos conta sobre os seus primeiros passos:

"Ah! desde criança eu já queria ser professora [...]E na minha formatura do primário, a minha mãe trabalhou dois anos, dois anos para a dona da loja de costura, para pagar um vestidinho da minha formatura"... "Eu via a minha mãe e ela estava sempre molhada, porque naquele tempo era assim, só com água de poço"

Apesar dos obstáculos vividos na infância, a escolha profissional vai se desenhando no enfrentamento cotidiano, que implica também em elementos de motivações capazes de fortalecer a sua subjetividade. E continua:

"A minha mãe falava assim: você quer ser igual à mãe? E eu dizia não; assim nunca que eu vou ser. Então só tem um jeito estudar"... "Era uma escola de freiras, mas eu nunca vi na minha vida, uma pessoa tão cruel assim... "Na escola era assim, você apanhava e nem sabia porque estava apanhando, você apanhava, porque tinha que apanhar!"

O enfrentamento de obstáculos históricos na escola, é objetivado pelo sistema opressor. Não é possível nesta breve exposição mostrar todos os detalhes de uma longa trajetória que demonstra a construção da ideia de ser professora e suas concepções de mundo em que, ao mesmo tempo é tecida em sua história, a violência sofrida.

Para Pedro Moreira Silva Neto e Maria Sara de Lima Dias (2015) a base que segura o ser humano no mapa do solo vem da partícula semiológica que remonta à sua história. Com isso, nos referimos ao ser no mundo, na relação entre a vida e o vivido, somente a história de sua infância nos possibilita compreender em que contexto de experiência nasce a escolha da profissão. E em Diva Guimarães, o desejo de ser professora. Ser alguém capaz de modificar o seu entorno e não repetir a vida sofrida, a exemplo do que ela mesma percebe, a vida trágica de sua mãe.

As heranças do passado escravagistas serviram de base à construção ideológica do racismo à brasileira, que sob o manto de uma falsa democracia racial, cria padrões de valores culturais nos quais a raça negra é inferiorizada e estigmatizada. Segundo Carla Akotirene, (2019) na interseccionalidade entre as opressões de gênero e raça, a mulher negra é duplamente vitimada. Uma análise contextual de sua história nos evidencia que desde a cidade do interior onde nasceu em 1940, chamado Serra Morena, no Paraná, já havia conceitos que,

inseridos sobre o lugar do negro, afetaram a sua vida. Diva foi criada em Cornélio Procópio, com sua mãe. Como nos contou, o seu pai morreu quando ela tinha 12 anos e a mãe assumiu a difícil tarefa de prover a família. Lavava roupas para fora a fim de criar os filhos.

Quando Diva nasceu, havia no Brasil, uma ideologia do branqueamento que ainda permanece, sendo constantes os processos de inclusão/exclusão da escola. Como nos conta:

“Esta professora nos xingava, e muito, de preguiçosa, de vagabunda, dizia: vocês não servem para nada.”... A agressão deixa uma cicatriz, mas ela desaparece; a palavra deixa cicatriz na sua alma”!

Com relação à morte do pai, Diva continua o seu depoimento:

“Depois disso, minha mãe não se casou mais, assumiu a gente sozinha, desde cedo. Minha mãe sempre foi muito guerreira com relação aos filhos”.

A vida de Diva construída com base em uma visão de fortaleza e dignidade de mulher representada pela figura da mãe. Seu depoimento ressalta a presença da mãe e o que ela representou em sua vida:

“a mãe fazia trabalhos de parteira e nunca recebeu um centavo, porque ela achava que essa era uma missão dela no mundo”.

O sentido das ações profissionais, conforme Lígia Santana Vega (2009) necessitam estar investidas de sentido ético como uma plataforma que oferece suporte para que os motivos que nos levam a atuar de determinada maneira, a eleger certos caminhos em detrimento de outros, como nos esclarece:

“Eu trabalhei de doméstica, por exemplo, em troca de me deixar ir para a escola”.

Essas escolhas pontualmente éticas de negociação de valores e de trocas permitem a Diva conduzir a sua vida profissional. Para Maysa da Silva (2018) a educação deve ser vista como um projeto emancipatório possível dentro do Movimento Negro. Ou seja, a possibilidade do estudo altera a possibilidade de respostas ao contexto de exclusão social vivido. Entre os saberes do povo negro e os conhecimentos escolares e/ou científico se estabelecem trocas que possibilitam tencionar a estrutura secular da escola, da universidade e da ciência historicamente posta. Uma escolha profissional se relaciona com esse sentimento dos saberes do povo negro e com as marcas emocionais que se determinam na realidade. A oportunidade do saber também nos possibilita mostrar a reflexão de Diva sobre as incertezas e as contradições da vida. O que nos parece importante frisar neste momento é a valorização da leitura. A sua narrativa é marcada por exemplos que vieram da escola:

“[...] porque eu... eu acho que fui uma criança assim, porque, antes tenho que te contar o porquê fui assim, porque eu li o livro do Lampião, A Vida do Lampião com 10 anos e daí eu queria ser como ele...” “[...] eu achava que ele me representava, uma justiça [...]”.

Os sentidos da representação histórica da vida de Lampião, se relacionam com os sentidos de coragem e bravura, enlaces com a imagem materna, modelos necessários para o enfrentamento das condições de exclusão na escola e na vida. Toda a sua percepção de mundo e de pessoa humana, de valores vem da leitura e dos exemplos marcados pelas vidas dos outros significativos.

Professoras/es são figuras contraditórias em seus depoimentos, aqueles/as que marcaram cicatrizes em sua alma. E aqueles/as outros/as, os bons modelos de humanidade que puderam revelar a ela o seu grande potencial de aprendizado e desenvolvimento e que contribuíram para a sua própria biografia. Como neste relato:

“Eu trabalhava para a minha professora no ginásio e ela me fazia acordar as quatro da manhã para lavar a escadaria toda da casa dela, antes de ir para a escola. Ela era a minha professora, trabalhava na mesma escola. E ela ia de carro e eu ia a pé, então eu tinha que correr para chegar a tempo da aula”.

Porém, a sua vida na escola vai também produzir outros encontros e outros modelos. Trajetórias de professoras negras e de outras vidas construindo possíveis caminhos a trilhar. Assim a sua escolha profissional se define e quer ser professora.

As relações da escolha profissional também se configuram na sua formação escolar. A primeira escolha:

[...] História porque eu adorava a professora de História, e foi quem me deu muito apoio né.” E continua: “[...] e daí eu queria ser professora, porque eu pensava assim, se eu for professora eu não vou deixar fazer com os meus alunos o que fizeram comigo [...]”.

Se identificar com a professora é, ao mesmo tempo, querer ser outra de si, no entanto, para a carreira também é necessário a elaboração de um plano. A reflexão de Diva sobre os valores normativos, decreta que a existência de grupos humanos excluídos na escola, e da hierarquização sistemática de diferenciações entre crianças brancas e negras. Segundo Frantz Fanon (2008) a experiência vivida do negro, é a objetificação do mesmo, na qual os sistemas de referência foram abolidos, somente em casa o negro não precisa confirmar seu ser diante de um outro.

O tempo histórico, para além dos traumas e preconceitos vividos na escola, responsável por uma sensação de ser um objeto frente ao outro, dialeticamente também é um tempo de leituras de aprendizagem, de amadurecimento, demonstrando a sua resistência ontológica conforme Frantz Fanon (2008). Frente ao tempo histórico vivido, a constituição de uma subjetividade se faz nas interrelações capazes de fortalecer o enfrentamento da objetividade da vida.

“[...] ia fazer três anos que eu tinha terminado o segundo grau, eu falei para minha mãe, quero fazer faculdade [...]” e em outro trecho: -“Eu acredito na mudança e a mudança só virá com a educação.”

O aprendizado na escola, com todas as carências de uma família com poucos recursos e todos os preconceitos vividos, fazem com que Diva acredite na

educação como uma ação transformadora. As suas relações familiares com a mãe e a sua luta por independência são demonstradas no apoio recebido, e na importância e valorização da figura materna:

"[...] aí ela disse: filha, a mãe... a gente, não tem nada, a mãe não pode te ajudar financeiramente, mas a mãe te apoia naquilo que você escolher [...]"

O suporte emocional é fundamento dos valores de justiça e solidariedade que carrega consigo. Este um fato nos oferece uma direção na análise de sua biografia que é central entre tantos caminhos percorridos. A palavra mãe tece toda a sua narrativa e perfaz um desenho de uma trajetória de vida que se constituiu não só no desenvolvimento da carreira de professora, mas na realização de um projeto de vida.

O empreendimento de um projeto de vida é um elemento visível, num panorama social estruturado para a exclusão da mulher negra e pobre:

"[...] Assim, com muita dificuldade, especialmente quando eu vim para Curitiba, porque fui muito pobre e daí, eu falei para minha mãe eu quero estudar!"

Podemos afirmar a inter-relação entre aspectos relacionados às dificuldades contextualizadas de seu projeto de vida, da relação com a carreira. O e o desejo de vir a ser uma singularidade livre, e em ser professora e a responsabilidade de seu projeto.

Antes de fazer faculdade, a modalidade que consistia na formação, o magistério permitiu a inclusão social através do trabalho, conforme nos diz:

"Fui alfabetizadora, antes e tal [...]"

O motivo por que a subjetividade dessa mulher torna-se o foco de atenção, está relacionado à sua capacidade de ação interventiva, de abrir as portas,

"[...] aí eu vim pra cá e na louca sem conhecer nada... do interiorzão, morrendo de medo, cidade grande naquela época pra mim era um monstro, Curitiba, em 1962."

A narrativa de Diva Guimarães nos mostra que o tempo não se moveu. Não houve mudança histórica que perturbasse as raízes do racismo e da situação da mulher. Segundo Ineildes Calheiro e Eduardo Oliveira (2018) se pode aliar à academia a militância contra o racismo, como que se intersecciona no meio acadêmico o feminismo, o antirracismo em que se processam a consciência social na luta de classes.

O seu projeto de vida e seus valores definem a sua vinda para a capital, como uma tomada de decisão. Mas mesmo na capital a sua vida é uma relação de superação aos preconceitos cotidianamente sofridos. Em sua história se evidencia todas estas condições de vida ao aliar o meio acadêmico no desenvolvimento de sua auto-percepção como mulher negra evidenciada em sua permanente militância.

Construção de metas, escolhas relacionadas ao gosto pessoal:

[...] e daí, eu fiz vestibular.

Diva Guimarães, nos mostra ao longo de sua narrativa, os possíveis caminhos percorridos para sua trajetória de vida e a forma como superou aquilo que estava pré-estabelecido. Ao realizar uma escolha de mudança e buscar a emancipação através da educação. Segundo Ana Crhistina Vanalli e Paulo Vinícius Baptista da Silva (2019) educação já vem sendo apontada como uma possibilidade de integração da população negra à sociedade e uma forma de ascensão social.

"[...] e Educação Física porque eu era atleta e... acredito na educação através do esporte né... então, foi assim... minha trajetória." Eu fiz vestibular de Educação Física e de História, passei nos dois."

É importante notarmos que a trajetória de vida e carreira nos permite observar como Diva vai nos descrever os enfrentamentos históricos e sociais superados. A subsequente alteração da trajetória de carreira no contexto dos diversos demonstra a relação entre o empoderamento da mulher negra que é muitas vezes associado ao próprio enfrentamento da questão do racismo e da violência. Significa que, em boa medida, a subjetividade da mulher negra, se situa em uma objetividade esmagadora e que é enclausurada pelo discurso outro e que se manifesta quando consegue romper a hegemonia dos discursos preconceituosos e violentos.

"Bastante complicada, nada fácil porque os mesmos preconceitos que eu sofri de criança eu sofri na trajetória profissional, como professora, né."

Em outros espaços de relação social o percurso dá qualidade ao seu projeto de vida. Diva Guimarães tem sua trajetória um processo de desconstrução e alcançando espaços e lugar de fala. Segundo Djamila Ribeiro (2019, p. 89),

"Pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia".

A segunda opção toma a direção. Diva se formou em educação física em 1965, mas lembra que não houve festa, simplesmente em consequência da condição econômica na época, sobre a profissão escolhida, diz:

"[...]mas eu sou professora de Educação Física né..." e em outro trecho: [...] Aprendi inclusive não ficar discutindo não entrar pra assuntos que não tinha a ver comigo... né...por causa da disciplina do esporte."

O esporte a empodera ante as relações sociais excludentes. Para Djamila Ribeiro (2018, 2019) o empoderamento implica uma ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos quando participam de espaços privilegiados de decisões e desenvolvem a consciência social dos seus direitos. Deste modo, tomar parte e sentir-se fazendo parte das decisões possibilita desenvolver a sua filosofia de vida, vai construindo uma visão de mundo, e fortalecimento o caminho traçado em seu projeto de vir a ser professora.

"Fiz pós-graduação em voleibol, basquetebol e atletismo na Universidade Federal do Paraná. Foi bem difícil, passei por muita coisa, porque naquela época, para estudar você precisava ter dinheiro, não era para qualquer um".

Segundo Patrícia Hill Collins (2016) um papel para mulheres negras intelectuais é a de produção de teorias sobre a experiência de mulheres negras que vão elucidar o ponto de vista de mulheres negras para mulheres negras.

O ponto de vista de Diva Guimarães é a permanência no processo formativo e o enfrentamento das dificuldades desde sempre conhecidas, permeadas pelo racismo:

"[...] fui atleta também, e como atleta sofri altíssimas discriminações também". "[...] aprendi muito com o esporte por causa disciplina, regras que você tem que seguir e... e isso me ajudou muito, profissionalmente [...]". "[...] foi uma religião pra mim, isso sabe de não deixar maltratar meus alunos e tal [...]".

Proteger, acolher e cuidar dos alunos, Diva, pode se dizer que representa seus valores de justiça em sua prática cotidiana. O esporte obedece a lógica da prática e do treino, e foi capaz de ajudá-la a organizar o seu projeto de vida de modo a empreender os desafios.

Diva consegue vencer padrões de exclusão e se tornar um exemplo para muitas mulheres, seu relato nos leva a desenvolver interpelações sobre a condição da mulher negra:

"[...] nós éramos as duas, as únicas mulheres negras no meio de uma turma de 120 alunos na época da minha formação. Isso foi muito importante para mim! A abolição não libertou ninguém, a liberdade mesmo, para mim foi a educação [...]".

Diva Guimarães representa uma “voz” singular sobre a posição da mulher negra que se constrói em seu projeto de vida. Foi velocista e jogadora de basquete, esporte que ainda acompanha com paixão. As respostas vieram para elucidar alguém que construiu sua filosofia de vida, os passos que determinaram a sua jornada e pavimentou o caminho com as pedras que encontrou, e a um projeto de vida e a realização de uma carreira profissional. Diva Guimarães que sempre foi excluída, afivelada à condição social de mulher e negra rompe as barreiras e se impõe como quem sempre foi, e como quem realmente é, diante do tempo amarrado que a história e a cultura guardaram como memória indesejada.

Quanto questionada sobre a sua manifestação pública pela qual tornou-se conhecida e quando entreviu, no ano de 2017, no encontro literário FLIP em um evento com celebridades sobre racismo. Nos informa:

"Naquela hora quis representar quem não pôde estar aqui. Falei ali pela minha mãe, pelos meus antepassados. Foi um renascimento, uma libertação".

Diva foi responsável por um momento de forte emoção na Flip quando pediu a palavra no evento Território Flip/Flipinha: "A pele que habito". Mesa com Lázaro Ramos e a jornalista portuguesa Joana Gorjão Henriques. E continua:

"Eu naquele momento não sei o que me deu, eu estava com medo, mas com medo ou sem medo, a gente tem que falar, mas eu sou uma pessoa muito tímida, sei que agora não parece. Mas a gente, nunca sabe, e bem... Eu na verdade não me preparei para isso, e quem sabe seu eu tivesse pensado, não

teria levantado da cadeira, porque eu sou uma pessoa muito tímida”.

A ideia de ir para Paraty era também para conhecer Conceição Evaristo, escritora carioca que, levantou a voz contra a falta de negros na programação oficial do evento. Este momento em sua vida foi especial porque segundo ela:

“Não param de perguntar, eu agora tenho a agenda lotada de palestras, nas escolas principalmente”.

Diva Guimarães busca articular hoje a sua luta feminista no combate a outras formas de opressão, ao enfatizar as diferenças entre as mulheres e a escola. Nos conta de outras relações com a vida de professora durante o período da ditadura militar:

“[...] e como eu lecionei parte, a maior parte da minha vida na ditadura, então perante a alguns colegas, a maioria eles me consideravam subversiva pelo meu posicionamento, mas eu não tinha medo [...] inclusive eu dei aula três anos na faculdade, mas eu não quis porque meu objetivo era criança mesmo, que eu acredito no ensino fundamental que é de lá que você faz a criança abrir a cabeça e tal.”

Há, portanto, razões de ordem políticas, econômicas e culturais que a história solidifica na expectativa de transformação social, através da educação:

“[...] se eu tivesse que fazer tudo de novo, eu seria professora, porque eu acho que essa carreira é de formação sabe, você transforma o aluno.” [...] mas também eu tenho um parênteses, quando o professor, pode ser Deus ou diabo, ele pode elevar uma criança, como ele pode destruir”.

Sua experiência no ensino fundamental é, de tal modo, significada que dirige seus esforços no sentido de superar relações raciais e preconceituosas vividas pelas crianças nas escolas primárias.

Ao encerrar esta entrevista se questiona sobre a sua Filosofia e seu um Projeto de Vida, buscando orientar outras mulheres:

“[...] Quando você fizer a sua escolha profissional, faça o melhor que você puder, seja honesto, seja correto, seja acolhedor e a última palavra que vou dizer: ter respeito pela vida com o outro, porque o respeito é que vai nos levar e vai fazer com que o teu aluno cresça [...] na vida. Faça sempre o melhor que você puder e com muito respeito [...] eu acho assim, uma carreira sensacional, professora.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso que as mulheres, negras, pobres e brasileiras, tenham uma outra referência cultural, e a história de Diva Guimarães nos permite isto. Com relação às marcas do preconceito, de ser preterido, e de ser incondicionalmente excluído de um grupo parece nos dizer, que a subjetividade da mulher negra muitas vezes descreve nesta condição uma solidão agrupada. A condição da mulher não é algo exclusivo, e nem mesmo parece definir claramente um recorte em que se basta. A ciência não consegue abarcar todo o sistema de uma única vez para tratarmos

dessa complexidade que é o estudo de gênero, e tão pouco teríamos essa pretensão. E é por isso, por ser a sociedade tão fluida que tratamos de gênero como condição de estudo necessário. Não se deve subestimar seus sofrimentos e angústias, os seus prejuízos morais e materiais em função do gênero e da cor, mas o imediato estrondo de sua posição ao revelar a sua presença no mundo, em seu manifesto de vida nas mídias a tornou reconhecida. Um objeto de estudo vivo que emerge do real e se apresenta, dota de sentido o mundo em que se vive. E da mesma forma o silêncio ganha voz e permite-nos compreender a sua trajetória em sua militância feminista negra.

A construção de sua condição social e de mulher negra está acima das limitações do pensamento e das pressões da época. A sua busca por qualificação profissional para o mundo do trabalho envolveu esforços para se libertar do jugo da cultura e da opressão. A superação das dificuldades revela o seu projeto de vida e a expressão social de seus valores.

Diva Guimarães mostra-nos os caminhos e os percalços que a possibilitaram desenvolver uma filosofia de vida de pensamentos soltos porque são libertos de posições acertadas e porque a sua filosofia de vida, a sua luta persiste em si, na defesa de sua coerência aos seus valores. A entrevista transborda sentidos e significados que recaem sobre a sua existência, e retoma para si o espectro do vivido, e se impõe como uma voz que vai em direção ao percebido, ao subjetivo interno para a realidade que reconhece. Legítima representante das lutas pelo direito de realizar escolhas. O direito a desenvolver uma Filosofia e um Projeto de Vida, de planejar e atuar em uma carreira que não seja um destino finalizado em classe social, mas o contínuo desenvolvimento humano.

O momento, a situação dada, as condições presentes, a memória social, entre outras possibilidades produzem objetivações. O tempo e lugar atuam de forma que os sentimentos, as incertezas constituem suas afirmações. Essas narrativas substanciadas de sentimentos que ultrapassam os filtros das etiquetas, dos contornos da vida social. E se apresentam vivas, distante das normativas do comportamento treinado, das obrigações e responsabilidades como respostas involuntárias, impulsivas. Isso pode acontecer e acontece quando emerge a força de verdades interiorizadas.

Diva é essa personalidade construída em uma infância exposta ao trabalho infantil. Caminhos realizados por sua aguçada percepção que se determinam no desenvolvimento pessoal como uma filosofia de vida contra a discriminação, preconceito, desvalia que fortaleceram o seu caráter e promoveram as decisões que a levaram a um projeto de vida, escolha profissional e, por fim à realização de uma carreira. E nos mostrou com essa entrevista os entornos vividos no período de transição, e quanto se investiu para decisões éticas no sentido de dar continuidade ao processo de formação.

Abordar a trajetória de Diva Guimarães é, sem dúvida, um tema de relevância fundamental. Seria importante dar continuidade a outras entrevistas de tantas outras feministas negras brasileiras para aprofundar, em um trabalho futuro, o desenvolvimento do feminismo negro no contexto brasileiro. No entanto não foi o nosso intuito neste artigo, seria muito interessante, contextualizar os lugares pelos quais Diva passou, no entanto mencionar todas as situações de violência que vivenciou, certamente não teríamos espaço neste artigo, seria preciso uma vida inteira para acompanhar Diva.

Há em tudo uma pergunta, um complicado passo no processo de aprendizagem que leva alguém a um futuro marcado no presente. O que pode ser reconhecível, o conhecimento duplicado e presente no Outro em que se aporta um Eu como parte estruturante da construção da pergunta, não somente em sala de aula, mas na convivência familiar, no mundo próximo, no espaço de socialização humana. O outro torna-se um si mesmo essencial para a construção da pergunta entranhada, da resposta que se revela nas relações e interações humanas e se determinam como valores e descobertas, as respostas aos caminhos a seguir.

Oportunizar a criança a crescer, a realizar sua filosofia de vida é dizer que se pretende oferecer a ela o direito de duvidar, de perguntar, de contradizer o que está fixo e definido, promover o desenvolvimento intelectual em que o sensível, o perceptivo se instala. E se agrupa, e se define o Outro como parcela de si, e se nomeia a vontade em um querer ser como um Projeto de Vida, e nele se instala a qualidade desejada, a escolha profissional e se concebe ao tempo em que as perguntas se tornam respostas a um plano de carreira a seguir.

Diva Guimarães: the philosophy of life that makes the career of article in English

ABSTRACT

In this article we go for the historical record of a black female, retired teacher of physical education, and who has become an icon in the defense against racism in Brazil. It describes her trajectory of struggles in different social places where the gender and the racial question left marks in her subjectivity. From the referential of socio-historical psychology and studies of the genre, it is recorded her trajectory. This History makes it possible to understand the confrontation of black women to occupy different spaces from the school to the labor market, forming a philosophy of life. The methodological approach was the realization of a recorded interview, transcribed and then analyzed in excerpts from her narrative. In the discursive plot of analysis, the contribution of her history that pervades the daily struggle of so many other black women, of so many other Divas, who, silenced by oppression, didn't have their voices heard. The historical achievements of women, often in singular struggles for survival and not always widely defended in social movements, so that their lives do not fall into oblivion and invisibility becomes essential to account for them.

KEYWORDS: Feminism. Subjectivity. Genre. Diva Guimarães. Subjectivity. Life trajectory. Black woman. Brazilian.

Diva Guimarães: la filosofía de carrera de la vida.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo registrar la trayectoria histórica de una maestra de educación física negra, jubilada, que se convirtió en un ícono en la lucha contra el racismo en Brasil. Su trayectoria de luchas se describe en diferentes lugares sociales donde el género y la raza han dejado su huella en su subjetividad. Desde el marco de la psicología sociohistórica y los estudios de género, se registra su trayectoria. La historia que permite comprender la confrontación a la que están sometidas las mujeres negras ocupan diferentes espacios, desde la escuela hasta el mercado laboral, configurando una filosofía de vida. El enfoque metodológico fue realizar una entrevista grabada, transcrita y luego analizada en extractos de su narrativa. La trama discursiva del análisis muestra la contribución de su historia que impregna la lucha diaria de tantas otras mujeres negras, tantas otras Divas, que fueron silenciadas por la opresión y no habían escuchado sus voces. Los logros históricos de las mujeres a menudo ocurren en luchas únicas por la supervivencia y no siempre se defienden ampliamente en los movimientos sociales. Para que sus vidas no caigan en el olvido y la invisibilidad se vuelva esencial para contarles.

PALABRAS CLAVE: Diva Guimarães. Feminismo Subjetividad Género La trayectoria de la vida. Mujer negra. Brasileña.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BRAGA, Larissa Adams. When fashion is political: the black women and the Magazine Afro Brasil, 2018. **Ex aequo**, (38), 149-166. <https://dx.doi.org/10.22355/exaequo.2018.38.10>

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Soc. estado**. Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, Apr. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100099&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 Fev 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922016000100006>.

CIRILLO, Lídia. **Lettera alle romane: sussidiario per una scuola dell'obbligo di femminismo**. Il dito e la luna, 2001.

DAMASCO, Mariana Santos; MAIO, Marcos Chor; MONTEIRO, Simone. Feminismo negro: raça, identidade e saúde reprodutiva no Brasil (1975-1993). **Revista Estudos Feministas**, 20(1), 133-151, 2012.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Fator, 2008.

INEP. **Referente ao censo da educação brasileira**. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206. Acesso em: 18 de Junho.

HIRATA, Helena et. al.(org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

MOSCHKOVICH, Marília; ALMEIDA, Ana Maria F. Desigualdades de Gênero na Carreira Acadêmica no Brasil. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 58, n. 3, p. 749-789, Sept. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582015000300749&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 Abr 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/00115258201558>.

MOREIRA NT, Pedro. LIMA DIAS, Maria Sara de. Pedagogia de la Pregunta. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.24, n.1, p.15-31, jan.-jun. 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/download/23094/13554> >. Acesso em: 22 de abril.

O GLOBO, **Caderno de Educação e Carreiras**. Artigo disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/guia-de-carreiras/noticia/2018/11/20/negros-representam-apenas-16-dos-professores-universitarios.ghtml>>. Acesso em: 5 de maio.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** - 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RODRIGUES, Cristiano. Feminismo Negro e Interseccionalidade: práxis política e a consolidação de um pensamento sociopolítico para além das margens. **Feminismos Em Rede**, 2018.

ROCHA, Carolina Ferreira. **O empoderamento como forma de desconstrução da imagem estereotipada da mulher negra na mídia**, 2018.

SANTANA VEGA, Lída. El sentido educativo y ético de la orientación psicopedagógica. **Revista Iberoamericana de Educación**. n. 48/3 – 25 de enero de 2009.

SANTOS, Ineildes Calheiro dos; OLIVEIRA, Eduardo. Experiências das mulheres na escravidão, pós-abolição e racismo no feminismo em Angela Davis. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 26, n. 1, e51328, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000100804&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 Fev 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n151328>.

SILVA, Maysa Ferreira da. Pensamento abissal, educação e movimento negro. **Educ. rev.**, Curitiba, v. 34, n. 69, p. 349-355, June 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602018000300349&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 Aug. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.58096>.

VANALI, Ana Crhistina; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Ações afirmativas na pós-graduação stricto sensu: análise da Universidade Federal do Paraná. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 49, n. 171, p. 86-108, Mar. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742019000100086&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 Ago 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/198053145911>.

Recebido: 28/02/2019.

Aprovado: 25/09/2019.

DOI: 10.3895/cgt.v13n41.9707.

Como citar: DIAS, Maria Sara de Lima; MOREIRA NT, Pedro; BROGNOLI, Paula Caldas. Diva Guimarães: a filosofia de vida que faz a carreira. **Cad. Gên. Technol.**, Curitiba, v. 13, n. 41, p. 185-201, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Maria Sara de Lima Dias

Avenida Sete de setembro, 3164, Curitiba, Paraná, Brasil.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

